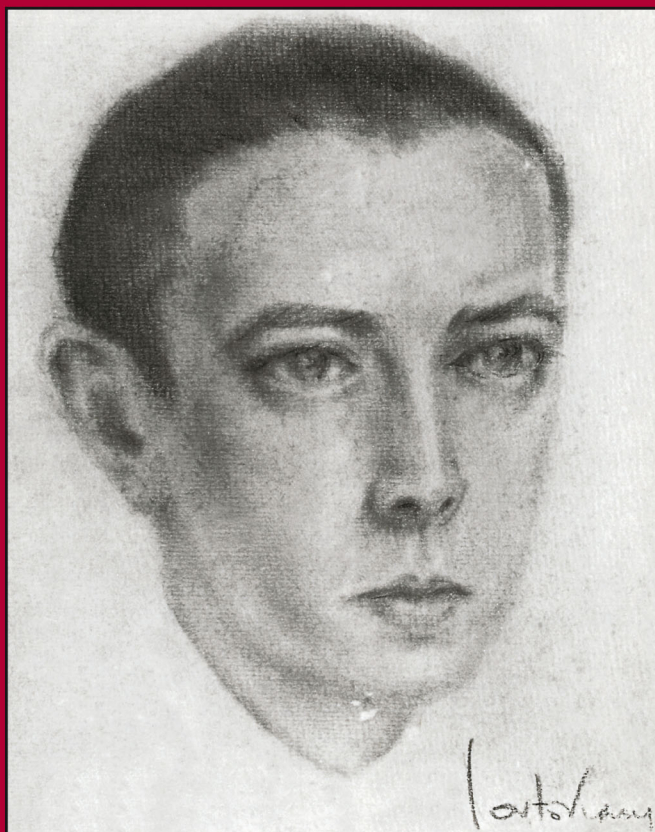


# ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA

## 60 ANOS DE POESIA

Vol. I



BIBLIOTECA DE **AUTORES**  
**PORTUGUESES**



**ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA**  
**60 ANOS DE POESIA**  
**1943-2003**

Vol. I

Prefácio de FERNANDO PINTO DO AMARAL

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2004



## UM SINO NO DESERTO

*Há 60 anos que António Manuel Couto Viana vem fazendo ouvir a sua voz singular no panorama poético português — uma voz desde sempre fiel à nossa tradição lírica, embora com periódicas incursões no domínio da épica, mantendo alguma tensão dialéctica entre as duas componentes e articulando-se, em geral, do seguinte modo: de um lado, um ideal colectivo (patriótico ou religioso) mitificado e eivado de magia, propício à transcendência de todos os limites; do outro, uma realidade frequentemente baça e comezinha, sem brilho nem glória, obrigando o poeta a remeter-se à solidão e à melancolia. É a coexistência entre esse impulso para uma evasão exaltante e a consciência de um quotidiano por vezes frustrante que leva o sujeito a refugiar-se em si mesmo, qual «avestruz» condenado a ir agitando as asas num solitário «voo doméstico», esquecendo-se do mundo que também aparenta esquecê-lo: «Pertença-me só quando o mundo vão me ignora.»*

*Utilizei há pouco a palavra «tradição» e ela mostra-se, de facto, importante para entendermos todo o desígnio poético que tem marcado o percurso de António Manuel Couto Viana, autor desde o início ligado às «folhas de poesia» Távola Redonda. Sem representar propriamente um movimento literário na acepção mais forte do termo, a Távola Redonda (que se publicou regularmente entre 1950 e 1954) apareceu imbuída do desejo de conciliar harmoniosamente algumas conquistas da*

*modernidade e o lirismo tradicional português, não enjeitando a herança presencista contra a qual tanto o neo-realismo como o surrealismo se colocavam. Tem, portanto, razão Fernando J. B. Martinho ao afirmar que «a ausência de ‘programa’ [da Távola Redonda] é mais aparente do que real»<sup>1</sup>, recordando que entre os principais poetas da Távola existiam algumas afinidades, condensadas na revalorização do lirismo e em posições mais conservadoras que as dos neo-realistas (no domínio político) ou dos surrealistas (no campo estético). Num célebre texto vindo a lume no primeiro fascículo da Távola Redonda, David Mourão-Ferreira — co-director da publicação, juntamente com Luiz de Macedo e o próprio Couto Viana —, depois de chamar a atenção para o carácter misterioso da poesia, declara sem reservas que «toda a Poesia, além de começar por ser lírica, o volta sempre a ser, nos seus mais altos momentos», e que «são líricas não só as primeiras, mas também as melhores manifestações poéticas de um povo, de uma geração ou de um indivíduo»<sup>2</sup>.*

*Um dos poetas em que mais notavelmente se verifica a declinação desse lirismo fundamental é precisamente António Manuel Couto Viana, em cujas obras iniciais ocorre mesmo um encerramento numa esfera pessoal onde pretende evadir-se do mundo exterior, ficando assim ao abrigo das suas ameaças. O seu livro de estreia — O Avestruz Lírico, de 1948 — concentra no próprio título a ressonância simbólica associada ao avestruz — animal que, como se sabe, opta por enterrar a cabeça na areia diante das dificuldades —, neste caso suplementada com o adjectivo lírico e implicando, por isso, uma resposta aos problemas da vida através da simples entrega ao canto ou à poesia. Esse quase completo alheamento surge particularmente vincado no texto «O poeta e o mundo», cujos oito escassos versos sintetizam de modo raro o menosprezo pelas propostas de intervenção social defendidas pelos neo-realistas e, ao mesmo tempo, um ensimesmamento no universo mais subjectivo, curiosamente justificado por uma atitude de humildade, na*

---

<sup>1</sup> Fernando J. B. Martinho, *Tendências Dominantes da Poesia Portuguesa da Década de 50*, Lisboa, Colibri, 1996, p. 115.

<sup>2</sup> David Mourão-Ferreira, «Lirismo, ou Haverá Outro Caminho?», *Távola Redonda*, fasc. 1, 1950 (sublinhado do autor).

*medida em que o eu só pode falar com conhecimento de causa a respeito daquilo que realmente sabe, ou seja, de si mesmo. É sobretudo essa a mensagem que prevalece quando lemos o referido poema:*

Podem pedir-me, em vão,  
Poemas sociais,  
Amor de irmão pra irmão  
E outras coisas mais:

Falo de mim — só falo  
Daquilo que conheço.  
O resto... calo  
E esqueço.

*Além desta faceta indubitavelmente solipsista — quase sempre muito sublinhada quando se fala de Couto Viana —, o avestruz simboliza também a profunda frustração do sujeito, que, tal como sucedia no famoso «albatroz» de Baudelaire, se identifica com um ser portador de uma insolúvel ambivalência, dado que, sendo uma ave e possuindo naturalmente um par de asas, não consegue elevar-se do solo e voar livremente pelo céu. É dessa tragédia pessoal que se faz eco o texto intitulado «Avestruz lírico», poema que se tornou emblemático do Autor:*

Avestruz:  
O sarcasmo de duas asas breves  
(Ânsia frustrada de espaço e luz,  
De coisas frágeis, líricas, leves);

Patas afeitas ao chão;  
Voar? Até onde o pescoço dá.  
Bicho sem classificação:  
Nem cá, nem lá.

*Esta insatisfação cresce e amplia-se, então, no fértil terreno de uma subjectividade basicamente disfórica e de certo modo ainda herdeira do neo-romantismo e do decadentismo finisseculares, como apontou José Carlos Seabra Pereira naquele que continua a ser um dos mais penetrantes e desenvolvidos estudos sobre este poeta, referindo-se a um «desgarro interior, feito de sofrimentos, de aspirações irrealizáveis e irreduzíveis, de incompreensões e bloqueios, de relançamentos vãos de desejo e*

de amor»<sup>3</sup>. É no contexto dessa exacerbada subjectividade que a poesia de Couto Viana dolorosamente se apercebe de qualquer coisa que fica por cumprir, deixando o eu cada vez mais consciente de que talvez não ultrapasse um estado embrionário certamente cheio de potencialidades, mas condenado a não as ver realizadas, ao ponto de chegar a pôr em causa a sua própria existência:

Sei bem que hei-de ficar  
Inconcluído,  
No jeito de esboçar  
Um gesto apenas pressentido.

Porque eu sou uma promessa  
Que não se chega a cumprir.

*Estamos, assim, perante uma poesia geralmente portadora de tristeza e carregada de múltiplos sentimentos negativos, que assaltam o sujeito seja ao comparar e avaliar o seu maior ou menor grau de felicidade em face dos outros seres humanos — «Além, vão os felizes» —, seja ao sentir o impacte de uma violência que a cada instante o dilacera e o agride no âmago mesmo da sua personalidade, algures definida como um espaço opressor e dificilmente habitável entre a lâmina de uma espada e o coração por ela trespassado — «Mas é uma espada! Embora só cravada / Sobre o meu coração» —, seja, enfim, por se reconhecer confinado às estreitas balizas de uma alma sufocada numa sombra, como se permanecesse sem saída, encarcerado num lugar nocturno e asfíxiante onde procura em vão rasgar portas e janelas:*

Sê feliz. Eu não sou. A noite é calma  
E só quando amanhece me desfaço.  
— Andei a abrir janelas na minh'alma,  
Mas, ai!, nenhuma deu para o espaço!

*Mergulhamos, portanto, no território de uma prisão interior que, embora não desistindo de buscar um horizonte mais aberto, de relativa paz ou serenidade, privilegia por vezes os*

---

<sup>3</sup> José Carlos Seabra Pereira, prefácio a António Manuel Couto Viana, *Uma Vez Uma Voz — Poesia Completa [1948-1983]*, Lisboa, Verbo, 1985, p. XXI.

*ambientes penumbrosos tão característicos dessa «noite viciosa» que no poema «Glória» surge definida como «velho espelho baço / A sugerir mil faces de beleza». Tal atracção pela noite não consegue todavia seduzir o poeta, nem mesmo recorrendo à animação proporcionada pela sua paisagem urbana, já que, além de as luzes artificiais lhe roubarem uma hipotética «intimidade», a atmosfera nocturna acaba por lhe infundir, acima de tudo, um sentimento de desamparo e de angustiada solidão — como nos dizem os «Dois nocturnos da cidade» que passo a transcrever quase na íntegra:*

## I

Clara noite citadina  
De tubos néon riscada,  
Com cinemas e cafés  
Que são flores da tua jarra:

.....

Ó noite, apaga os faróis  
Que desvendam vãos de escada:  
Amor pede escuridão  
Para oculta intimidade.

## II

.....

Ninguém passa e és fria, noite!  
Passo eu, mas sem piedade:  
As mãos nos bolsos; nos lábios,  
Nenhuma chama que chame.

Noite de amores infelizes,  
Ensombra como um afago:  
Ninguém veja que está só,  
Num crucifixo amargo!

*Para lá desta atormentada claustrofobia, a obra poética de Couto Viana espraia-se ocasionalmente por um registo mais suave e mesmo contemplativo, tentando cingir-se a um olhar tendencialmente neutro que fosse capaz de observar tranqui-*



*lamente tudo o que o rodeia e dessa forma pudesse escapar às leis do próprio tempo, passando a flutuar numa espécie de glauca intemporalidade, sensível num título como «Relógio parado» ou na última estrofe do poema «Voz quase extinta», em que o olhar humano surge comparado a uma onda do mar, no seu ritmo cíclico e por isso imune à passagem do tempo linear:*

É o poente fugido da cidade.  
São as cinzas das coisas. E este olhar  
Sobre o que vai e vem — onda do mar  
Informe, sem idade.

*Seja como for, o tom predominante de grande parte da poesia de António Manuel Couto Viana (sobretudo até aos anos 60-70) coagula-se num melancólico pathos que, numa linha ética de inspiração naturalmente cristã, preza o valor atribuído ao sofrimento dos seres humanos. Dir-se-ia que a sua maior originalidade, neste plano, reside em dois aspectos: por um lado, uma rara clarividência quanto ao estatuto moral do sujeito perante si mesmo e o seu sistema de valores éticos, implicando uma feroz auto-ironia que não hesita em desmontar certos queixumes líricos ou a mitificação do aparente destino funesto do poeta, como se escreve num poema que sintomaticamente se intitula «Lucidez»:*

Pra quê, agora, esta queixinha  
Pelo que sou e serei?  
A culpa é toda minha:  
Chamaram-me Poeta e acreditei.  
(Acreditar convinha  
Ao figurino que talhei!)

*Ainda nesta mesma linha, deve sublinhar-se até que ponto a própria atitude tipicamente lírica — ao lamentar os seus percalços afectivos ou a sua ansiedade emocional — pode envolver, para o sujeito, um certo grau de comodismo face às difíceis decisões com que a vida sempre nos confronta. Do ponto de vista ético, é a ironia desse olhar impiedoso, devastador e quase inconfessável sobre a encenação de si mesmo que confere maior grandeza a esta poesia, contribuindo para a libertar da hipócrita boa consciência tão ao gosto de*

*outros poetas, retirando-lhe todas as ilusões humanas, demasiado humanas:*

Não pensar se é Bem ou Mal  
E acertar sempre no Bem  
— Eis a moral  
Que me convém.

Comodidade:  
Ganhar o céu sem querer,  
Ter uma auréola de justiça e de bondade  
Para o que der e vier.

Isto de agatanhar o peito  
(Meu Deus, perdão, perdão!)  
Dá pouco jeito.  
Melhor é ser perfeito  
Mas sem bulir um dedo só da mão.

*Outro traço muito claramente definidor da obra de Couto Viana — quer no seu contexto histórico-literário, quer ao nível da sua mais intrínseca individualidade — consiste no modo como o sofrimento pode, em certos momentos, ser levado até às últimas consequências, acabando por ilustrar uma predisposição para o sacrifício e uma genuína vontade de expiação, que leva o sujeito a não recuar perante o perigo e a pedir paradoxalmente ao seu anjo da guarda que não o proteja e que o deixe saborear o amargo travo da infelicidade:*

Sei de um anjo não sei onde  
Que me protege da vida  
E me protege do sonho  
Desmedido.

.....

Meu anjo que desconheço,  
Nunca me guardes de mim:  
Que eu seja, comigo, ao menos,  
Infeliz!

*Esta vocação de pendor quase masoquista chega mesmo a assumir-se, em certas ocasiões, como uma autêntica doença dos sentidos, não encarada aqui com qualquer espécie de desconfiança, mas, pelo contrário, curiosamente necessária para que*

*então ocorra uma coincidência entre o sujeito e a sua alma, para que só assim ela passe a pertencer-lhe inteiramente:*

Trémula mão, que te adivinha?  
Fala indecisa, que presentes?  
A minha alma só é minha  
Quando os sentidos estão doentes.

*A faceta eventualmente mais disfórica desta poesia não se reveste, contudo, de quaisquer conotações especialmente lúgubres ou mórbidas, recortando-se, isso sim, sob o pano de fundo de um dramatismo pessoal não isento de pudor<sup>4</sup>, ao transformar-se no lamento ou no queixume quase infantil de alguém inadaptado face às duras exigências da vida a que chamamos real — como se, de facto, lhe fosse penoso erguer-se da cama a cada novo dia:*

Acordei tarde  
E sem vontade  
De abandonar os cobertores.

.....

Depois, o sol, o vento, ou o quer que fosse,  
Veio de lá dizer-me: «Vem!»  
A minha alma, sem querer, espreguiçou-se  
E o poema foi tímido tem-tem.

*Versos como estes aludem a uma passividade, a uma inércia e a um comodismo que espelham uma espécie de preguiça existencial por vezes próxima da acédia medieval — atitude mais frequente na primeira fase da obra de Couto Viana, em que o sujeito parece recusar qualquer esforço, preferindo deixar-se ostensivamente ficar quieto, como o Oblomov de Gontcharov, encerrado num doce torpor, nos mimos de uma concha protectora que lhe é familiar, quase à maneira de certos poemas de António Nobre ou Mário de Sá-Carneiro:*

Meu santo-e-senha: «Bichinho  
— Não vale a pena mexer.»  
Venham papas e carinho,  
Dez cobertores sobre o lençol de linho...  
E deixem-me apodrecer.

---

<sup>4</sup> Cf. a este respeito um clarividente estudo de David Mourão-Ferreira sobre a poesia de Couto Viana, «De 'O Avestruz Lírico' até 'A Face Nua'», incluído em *Uma Vez Uma Voz*, op. cit., pp. 9-28.

*Assim se compreendem duas atitudes fundamentais e interligadas, assumidas sem rebuço pelo sujeito: por um lado, a insistente vontade de que os restantes seres humanos não lhe prestem atenção, para que não o incomodem no seu isolamento de misantropo — «Mal entro, fecho a porta sem demora / [...] / — Desejo estar comigo, a sós, em paz. // [...] // Pertenço-me só quando o mundo vão me ignora», diz-se no poema «Intimidade», dedicado a David Mourão-Ferreira —, rejeitando desse modo qualquer troca afectiva com o exterior e ficando submerso num isolamento quase total em que se encerram portas e janelas da sua personalidade, talvez no intuito de fugir ao sofrimento:*

Não perguntem por mim — quero o abandono:  
Fechei janelas d'alma e gelosias.

Não perguntem por mim — que estou alheio  
A tudo o que vos fere e dói e mata.

.....

Não perguntem por mim — que nenhum gesto  
Vos posso conceder da minha mão.  
Falhei no vosso humano amor. O resto  
É o silêncio de toda a solidão.

*Relacionada com esta posição está uma tendência para não crescer e para se refugiar — de novo tal como um Nobre ou um Sá-Carneiro — num mundo fantasmático interior, num reino infantil de sonho e fantasia (de certo modo sobreponível à própria noção de poesia), no qual o eu se tornaria imune às investidas do hostil universo dos adultos. No entanto, trata-se de uma dialéctica árdua de suportar, na medida em que o próprio sujeito se apercebe de que já cresceu e de que esse refúgio deixará, mais tarde ou mais cedo, de funcionar como tal. É o que observamos no poema «Antes o sonho», construído como um diálogo íntimo, que ganha forma a partir da consciência desse irresolúvel dilema pessoal:*

«Basta de te sonhares menino!  
Já tens idade pra ganhar juízo:

.....

O tempo dos dói-dóis, choros, queixinhas,  
O calendário o desfolhou depressa.  
Ouve bem: já não és uma promessa;  
No teu perfil há nitidez de linhas.

Sê, pois, activo e rude como um homem.  
Deixa o novelo fofa da Poesia.

.....

Foram-se os mimos, brincos e embalos:  
Para eles, cresceste... até de mais.  
Teus cabelos começam a estar ralos...»

.....

Assim cantava eu a meus umbrais.

Ai, cale-se pra sempre em minha boca  
Essa voz dolorosa como um lume!  
A vida a qualquer sonho se resume  
E, morto este, o que teria em troca?

*Articulando-se com este imaginário associado a um certo conceito da infância, a escrita de António Manuel Couto Viana tem vindo a manifestar igualmente, ao longo do tempo, um acentuado fascínio por todo um conjunto de mitos e símbolos heróicos, de índole geralmente patriótica, que vemos desfilar pelos seus versos e lhes conferem a dimensão épica a que de início me referi — traduzida, acima de tudo, por uma exaltação nacionalista de Portugal e da História portuguesa durante os oito séculos de existência do país<sup>5</sup>. Nesse sentido, uma poesia como a de A. M. Couto Viana pode considerar-se legítima herdeira de uma corrente política monárquica e profundamente conservadora, apta a celebrar jubilosamente as glórias do nosso passado colectivo e procurando manter viva a chama de um «destino imperial» português, desse ideal restauracionista que permanece e pode ser simbolizado por figuras como a do Condestável, a de Camões ou a dos reis que se vão sucedendo no trono ou reivindicam a sua legitimidade. Veja-se, a título de exemplo, o poema «Flâmula de luto e de alegria», escrito por ocasião da morte de D. Duarte IX de Bragança:*

O rei morreu. Viva o rei!  
Novo tronco floriu da seiva da raiz.  
Mas que viva darei  
Quando morre um país?

---

<sup>5</sup> Tal opção política é, aliás, igualmente sensível na opção de traduzir um conjunto de poemas nacionalistas espanhóis alusivos à Guerra Civil de Espanha, incluídos no vol. II desta obra.

«O rei é a pátria com figura humana»:  
Um poeta mo diz.  
E esta certeza, súbito, me inflama  
Em flâmula feliz.

Por isso já não creio na agonia  
Do meu país:  
Não morre a terra e tudo principia  
Se está viva a raiz!

*Se atendermos, no entanto, aos terceiro e quarto versos deste texto, deparamos com uma profunda amargura quanto à situação histórica vivida por Portugal nas últimas décadas do século XX — amargura essa que, aliás, se torna predominante numa leitura mais global da obra de Couto Viana. Na verdade, avulta aqui uma clara noção da decadência e da degradação da pátria portuguesa nos anos imediatamente subsequentes à revolução de 25 de Abril de 1974, na perspectiva tradicionalista de alguém que por vezes chega a sentir «vergonha de ser vivo e português», o que o leva a traçar um terrível retrato do fim do império colonial, num texto intitulado «Portugal»:*

Este mendigo, outrora, era um menino d'oiro,  
Teve um Império seu, mas deixou-se roubar.  
Hoje, não sabe já se é castelhano ou moiro  
E vai às praias ver se ainda lhe resta o mar!

*Tal desencanto pós-revolucionário perdura, aliás, ainda durante as décadas de 80 e 90, em que o poeta vem a publicar alguns textos particularmente significativos nesse domínio, lastimando, por exemplo, a perda da soberania portuguesa em Macau já no final do século XX ou compondo um curioso «Cancioneiro de Olivença», em que justamente reivindica os direitos portugueses sobre a cidade. Neste período mais recente, pode dizer-se que Portugal continua a surgir descrito com algum azedume, como uma nação «cativa de cansaço», uma «pátria doente» e pouco a pouco destruída, um país cujo ambiente de estabilidade democrática é clinicamente diagnosticado como atravessando um «estado estacionário» — expressão que, de resto, serve de título a uma colectânea de poemas publicada em 1988 sob o signo da mesma persistente desilu-*

*são com o rumo de Portugal e justifica o pessimismo de interrogações como esta:*

Como posso pedir que Deus nos guarde  
Se não há nada pra guardar?

*Não embarquemos, todavia, no que corresponderia a uma visão demasiado primária ou derrotista desta escrita, mesmo ao nível político — uma escrita capaz de encontrar as virtualidades de uma reacção positiva que a reconcilia com o mundo e fazendo-o graças a dois mecanismos diferentes: o primeiro, mais ocasional mas nem por isso menos relevante, condensa-se na atenção a um quotidiano banal e sereno, observado, por exemplo, no ambiente urbano e rotineiro de um pequeno e anónimo café/esplanada cujo ritmo vital o sujeito vai acompanhando enquanto o tempo passa, ao correr dos dias, daí vindo a resultar uma admirável sequência de 24 poemas escritos no Outono de 1985 a uma mesa desse «café de subúrbio». É no cenário desse peculiar microcosmos que surgem os episódios, as personagens e os fait-divers que a escrita vai sabendo registar geralmente com bonomia, num tom narrativo que nos conta pequenas histórias como esta:*

Ela está só, em mesa separada.  
Bebe uma água mineral.  
A aliança no dedo, a dizer que é casada.  
Tem, todavia, um tique de mulher fatal.

Ele está só. Solteiro? Não tem nada  
No anelar esquerdo. Bebe uma «imperial».  
A mesma idade, aproximada.  
A mesma classe social.

Ele encara-a, descarado. Ela, indignada,  
Volta-lhe a cara, num parece-mal.  
Mas, quando se levanta e abandona a esplanada,  
Passa por ele num passo lento e sensual.

Ele vai-lhe, de pronto, na peugada.  
E uma hora depois, numa esplanada igual,  
Vejo-os à mesma mesa, de mão dada,  
Como um feliz casal.

*Mais importante e decisiva no seu papel regenerador é a atracção que a poesia de Couto Viana sempre manifesta, de*

## ÍNDICE

«Um sino no deserto», por FERNANDO PINTO DO AMARAL .....	7
--	---

### I

#### PRIMEIROS VERSOS

<b>MENINO DOENTE</b> .....	23
<b>O POETA PELA MÃO</b> .....	35
À laia de justificação .....	37
O poeta pela mão .....	39
<b>TEM-TEM LÍRICO</b> .....	41
Apelo à poesia .....	43
Canções ingénuas .....	44
Um sabor a mar:	
I. Canção junto ao cais .....	48
II. Barco português .....	50
III. Navio afundado em qualquer meridiano .....	51
Gesta perdida .....	52
<b>MENINO SÃO</b> .....	53
Manifesto .....	55
Desafio .....	58
Confronto .....	59
Exortação .....	60
Aventura .....	62
Apelo .....	63
Posição cómoda .....	64



Canção tonta .....	64
Audácia .....	66
Alarme .....	67

II

UMA VEZ UMA VOZ (I)

Título .....	71
<b><i>O AVESTRUZ LÍRICO</i></b> .....	73
O avestruz lírico .....	77
Fruto seródio .....	77
Biografia .....	78
Libertação .....	78
Consciência .....	79
Radiografia .....	79
Canção quase triste .....	80
A cilada ao poeta .....	80
Medíocre .....	81
Comodidade .....	81
Posição .....	82
Gênese .....	82
Apelo ao real .....	83
Brinquedo .....	83
Negada paternidade .....	84
Matemos a poesia .....	84
Pecúlio .....	84
Sentença .....	85
Não peçam nada .....	85
Piruetas .....	86
Transparência .....	86
Vigília .....	87
Ambição .....	87
Apólogo .....	88
Cantilena .....	88
Lição mal decorada .....	89
Fuga .....	89
Máxima .....	90
Soneto imperfeito do inútil desassossego .....	90
Dramazinho .....	91
Verdade .....	91
O poeta e o mundo .....	92
Quase cantar de Dom Dinis .....	92
Solicitação .....	92
Cabo Não .....	93

Depois .....	93
Nocturno .....	94
Eu é que sei onde me dói .....	94
Lucidez .....	95
Alegoria .....	95
<b>NO SOSSEGO DA HORA .....</b>	<b>97</b>
Pórtico .....	101
No sossego da hora .....	101
Única igualdade .....	102
Menino de luto .....	103
Dístico .....	103
«Cerca de grandes muros quem te sonhas» .....	104
Tempo fixo .....	105
Estátua jacente .....	105
Luzeiro de pobre .....	106
Farsa .....	106
Natal do poeta .....	106
Segredo .....	107
Historieta com um fim moral .....	108
Miradoiro .....	108
Descobrimento .....	109
Dói-dói .....	109
Distância .....	110
Estudantinho de Direito .....	110
Intimidade .....	111
Pausa .....	111
Cabo da Boa Esperança .....	112
Velho álbum .....	112
Mercê .....	113
Donzela Teodora .....	113
A poesia está comigo .....	114
Elegia .....	115
Rimance branco .....	115
Pequena fábula .....	116
Canto amargo .....	117
A epopeia é fácil .....	118
<b>O CORAÇÃO E A ESPADA .....</b>	<b>121</b>
O coração e a espada .....	125
Távola Redonda .....	125
Escola .....	126
Desafio .....	126
A saudade dos deuses .....	127
Só .....	128
Mediterrâneo .....	128
Serenata .....	129

Repique .....	129
O calcanhar de Pasárgada .....	130
Interior .....	131
Azedume .....	131
Legenda .....	133
Tetuão .....	133
Nascente .....	134
Conselho .....	135
Rimance da rosa .....	135
O segredo revelado .....	136
Antes o sonho .....	136
Bandeira rota .....	137
Inscrição .....	138
Soluço .....	138
A esfinge .....	139
Horóscopo .....	139
Poesia mansa .....	140
Saudade de um corpo .....	141
Fonte .....	141
Espelho falso .....	142
Cântico .....	142
Prisão de cristal .....	143
Bandeira branca .....	144
Sangue inútil .....	144
Relógio parado .....	145
Convite à poesia .....	146
Viagem .....	146
Adeus .....	147
Conceito .....	148
Oração .....	149
Recompensa .....	149
Punhal .....	150
Moimento .....	151
<b>A FACE NUA</b> .....	153
A face nua .....	157
Nota de viagem .....	157
Voo (a bordo dum <i>Dakota</i> , nos céus de Angola) .....	158
Hino a Paris, à maneira do poeta .....	159
Postal holandês .....	160
O claro itinerário .....	160
Praia de Arzila .....	161
Quase romantismo .....	161
Bar marítimo .....	162
Suspiro do rapaz provinciano .....	163
Erótica .....	164
Igualdade .....	165
O baile .....	166

Nocturno .....	169
Relâmpago .....	169
No circo dos meninos infelizes .....	170
Gravura triste .....	171
Sol-sombra .....	172
Elegia para o irmãozinho morto .....	172
Lápide .....	173
A paz prometida .....	174
De profundis .....	174
Poesia .....	175
Tantos outros .....	175
Cena .....	176
Meu proveito .....	177
«Jovem poeta desempregado procura emprego adequado» (anúncio num jornal) .....	177
História breve .....	178
Pureza .....	179
Navegação interior .....	179
O menino no céu .....	180
Signo .....	181
Aviso final .....	182
<b>MANCHA SOLAR</b> .....	183
Aviso inútil .....	185
Pedra tumular .....	185
Voz quase extinta .....	186
Cinza .....	187
Mensagem .....	187
Indagações na alma .....	188
Panfleto .....	189
O inevitável alheamento .....	189
Variações sobre o mesmo tema .....	190
Virgem .....	191
Cantarelo .....	191
Espírito .....	192
Nenhum sinal .....	193
Crise aguda .....	194
Novo sentido .....	195
Suplício .....	195
Clamor .....	196
Dois nocturnos da cidade .....	197
Testemunha .....	198
O espia .....	198
Crime .....	199
Circuito .....	200
Estigma I .....	200
Estigma II .....	201
Estigma III .....	202

Estigma IV .....	202
O anjo .....	203
Vestígio .....	203
Indício .....	204
Do amigo .....	205
Convite ao filho pródigo .....	205
<b>A ROSA SIBILINA</b> .....	209
Tumulto .....	211
Ordem do dia .....	212
Tudo previsto .....	213
Impureza .....	213
Memória .....	214
Curso invisível .....	215
Quatro versos .....	215
Clima erótico .....	215
Farrapo heróico .....	216
Sonata .....	217
Exercício autobiográfico .....	218
Profecia .....	219
Barcarola .....	220
Campa .....	220
As três rosas do dia .....	221
Fé .....	221
Trevas .....	222
Exortação .....	223
Agora .....	223
Tortura .....	224
A um deus desconhecido .....	224
Sarro .....	225
Iluminação .....	226
Dimensão .....	226
Calvário .....	227
Sudário .....	227
<b>RELATÓRIO SECRETO</b> .....	229
Relatório secreto .....	233
Fiquemos por aqui .....	235
Rotação .....	236
Ritmo solitário .....	236
Tempo variável .....	237
Alvor .....	238
Re-nascimento .....	239
Era? .....	240
Cantar de amor .....	242
Cativeiro .....	243
Disciplina .....	244
Inesperadamente .....	245

Escavações .....	246
Cântico novo .....	246
Milagrosa manhã .....	247
As rapinas rapaces .....	247
Realejo .....	249
Apetite nefelibata .....	251
Dualidade .....	252
Sentença .....	252
Verbo escuro .....	253
<b>REALEJO</b> .....	255
<i>Nota do autor</i> .....	257
Mensagem de poesia .....	259
Sátira .....	259
O rapaz do banjo .....	260
Dois igual a um .....	260
Fronteira .....	261
Palpite .....	262
Suspiro do Inverno .....	263
Vira ao Norte .....	264
Monólogo para um poeta .....	265
Auto-retrato .....	265
O amigo fantasma .....	266
Um adeus ingênuo .....	267
Página de diário .....	268
Coração ausente .....	269
Encontro .....	269
Madrigal .....	270
Versos devolvidos .....	270
<b>DESESPERADAMENTE VIGILANTE</b> .....	273
Prefácio .....	277
Da fonte .....	277
O cerco .....	278
Protesto .....	278
Olhar pensativo .....	279
Respiração .....	279
Soma .....	280
Resíduo .....	280
Sátira amor .....	281
Paisagens .....	281
Nuvem .....	282
Isto .....	282
Poema grave .....	283
Lastro .....	284
Frémite .....	284
Desencanto .....	285

Ascensão .....	286
Campo .....	286
Glória .....	287
Epicurismo .....	287
Logro .....	288
$4 \times 4 = 0$ .....	289
Canção de berço .....	289
O sacrifício .....	290
Repente .....	291
Vertical .....	292
Sobrevivência .....	292
Posfácio .....	293
<b>PÁTRIA EXAUSTA</b> .....	295
Intróito .....	299
Registo .....	299
Esgar .....	300
Fruto do tempo .....	300
Cicatriz .....	301
Recordo agora .....	302
Trova dor .....	303
Repisa .....	303
Fado menor .....	304
Ascese .....	305
Natureza-morta .....	305
É tarde .....	306
Passa tempo .....	307
Denúncia .....	307
Reportagem I .....	308
Reportagem II .....	309
Gume .....	310
Serão .....	310
Comício .....	311
Ácido .....	313
Poeira .....	314
Câmara escura .....	315
Frente a frente .....	315
Musicata .....	316
Câmara-ardente .....	316
Canção tardia .....	317
Rotina .....	318
Longo percurso .....	318
<b>RAIZ DA LÁGRIMA</b> .....	321
Prólogo .....	325
Risco .....	325
Retrato do artista quando velho .....	326
Sangue .....	327

Rodagem .....	327
Sina .....	328
Lâmina .....	328
Amar-te: a morte .....	329
Cruzeiro ático .....	329
Oferenda .....	331
Falência .....	332
Túmulo .....	332
Vitorial .....	333
Identidade .....	334
Homenagem .....	334
Súplica a Eros .....	335
Voto .....	335
Refrão .....	336
Explicação .....	337
Termo .....	338
Equívoco .....	338
Desfile militar .....	339
Exame .....	340
Inspiração .....	341
Hoje .....	341
Balada .....	342
Impronto .....	343
<b>VOO DOMÉSTICO</b> .....	345
Voo doméstico .....	347
<i>POETA EM VENEZA</i> .....	349
<i>ÁFRICA DE PASSAGEM</i> .....	363
Trópico .....	367
Lourenço Marques I .....	368
Lourenço Marques II .....	369
Marracuene .....	369
Gorongosa .....	370
Nampula .....	370
Cabora Bassa .....	371
Ilha de Moçambique .....	371
As ilhas .....	372
Luanda I .....	372
Luanda II .....	373
Massangano .....	374
O indicador do diabo .....	374
Caputo .....	375
Sá da Bandeira .....	375
Tundavala .....	376
Moçâmedes I .....	376



Moçâmedes II .....	377
Catumbela .....	377
Regresso .....	378
Posfácio .....	378
 <i>POR MÃO PRÓPRIA</i> .....	 381
Resto mortal .....	385
Manchas .....	386
Timbre .....	389
Despojo .....	390
Oh! .....	391
Fermento .....	391
Erótica .....	392
Temor .....	393
Espectro .....	393
Estival .....	394
Exame .....	394
Voz alta .....	395
Página final .....	396
 <i>NADO NADA</i> .....	 397
Nado nada .....	401
Escrito no sangue .....	402
Discurso .....	402
Invasores .....	403
Portugal .....	403
Versus .....	404
Soneto agudizante I .....	404
Soneto agudizante II .....	405
Soneto agudizante III .....	406
Soneto agudizante IV .....	406
Soneto agudizante V .....	407
Soneto agudizante VI .....	407
Soneto agudizante VII .....	408
Soneto agudizante VIII .....	408
De profundis .....	409
Documento .....	409
Final .....	414
Do emigrado .....	414
Mocidade Portuguesa .....	415
Uma luz ao longe .....	415
Para hoje .....	416
 <i>PONTO DE NÃO REGRESSO</i> .....	 417
No signo de Camões:	
1. Falso retrato de Camões .....	423
2. A Camões, dolorosamente .....	424

3. Carta apócrifa de Camões para hoje .....	425
4. Resposta a Camões para sempre .....	426
Toque a silêncio pelos dias idos .....	427
Facho .....	427
No signo da Páscoa:	
1. Tempo de trevas .....	428
2. Aleluia! .....	429
3. Páscoa 80 .....	430
Marcham, firmes .....	431
Flâmula de luto e de alegria .....	431
No signo do Desejado:	
1. Trovas da minh'alma sebástica .....	432
2. Extremamente importante .....	433
3. Miguel rei .....	434
Identidade .....	434
Ao Condestável, jubilosamente .....	435
No signo da Restauração:	
1. Brado .....	436
2. Foi outrora. E agora? .....	437
3. Lá vão... .....	438
Heróis, amanhã .....	439
Derradeiro credo .....	440
No signo do cárcere:	
1. Liberdade(s) .....	441
2. Canção às grades .....	442
3. Prisioneiro na alma .....	442
Súbita vaidade .....	443
<b>ENTRETANTO ENTRE TANTOS</b> .....	445
Entretanto entre tantos .....	447
Os primeiros a partir .....	447
Retorno do soldado .....	448
Sobre a hora .....	449
Meditação pascal .....	450
Ermo .....	451
Loa ao Porto .....	451
Fora de moda .....	452
Súbito, num café .....	453
Soneto cínico .....	453
Breve elegia a um amigo leal .....	454
Misericórdia .....	455

Loa a Santo António .....	456
De bordão e vieira no chapéu .....	457
Os primeiros a chegar .....	457
Visão para o futuro .....	459
Terceira idade .....	460
Àquele, sempre .....	460
Ainda que mendigo .....	461
<b>RETÁBULO PARA UM ÍNTIMO NATAL .....</b>	<b>463</b>
Gravura de Natal.....	465
Lírica de Natal .....	466
Nocturno de Natal .....	467
Meditação de Natal.....	467
Improviso de Natal .....	468
Natal, ainda? .....	468
Natal, hoje .....	469
Cada Natal recordo os meus Natais .....	470
Elegia de Natal .....	471
Sob o tema Natal.....	471
Natal cada vez menos .....	472
Natal português 76 .....	473
Natal esotérico.....	474
Primeira lição de Natal .....	475
Anúncio para o Natal de Portugal .....	475
Quem, do Natal? .....	476
Contarelo de Natal .....	476
Reportagem do Natal .....	477
Loa a S. Francisco pelo seu Auto da Natividade.....	478
Indagações de Natal .....	479